

2023

# Um podcast sobre a criança autista na escola regular: o que dizem prefeessoras, mães e formadora

Firmino, Ana Paula da Silva

Universidade Estadual do Norte do Paraná

---

<https://repositorio.uenp.edu.br/handle/123456789/440>

*Baixado de Repositório Institucional UENP*



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE  
DO PARANÁ**

***Campus Cornélio Procópio***

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO**

---

**ANA PAULA DA SILVA FIRMINO**

**PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL**

**UM PODCAST SOBRE A CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA REGULAR: O  
QUE DIZEM PROFESSORAS, MÃES E  
FORMADORA**

---

**CORNÉLIO PROCÓPIO – PR  
2023**

ANA PAULA DA SILVA FIRMINO

**PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL**

**UM PODCAST SOBRE A CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA REGULAR: O  
QUE DIZEM PROFESSORAS, FORMADORA E MÃES**

**A PODCAST ABOUT THE AUTIST CHILD IN REGULAR SCHOOL: WHAT  
TEACHERS, SPECIALIST AND MOTHERS SAY**

Produção Técnica Educacional apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *Campus* Cornélio Procópio, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Marinez Meneghello Passos

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

dF525u da Silva Firmino, Ana Paula  
p Um podcast sobre a criança autista na escola  
regular: o que dizem professoras, mães e formadora /  
Ana Paula da Silva Firmino; orientadora Marinez  
Meneghello Passos - Cornélio Procópio, 2023.  
28 p.

Produção Técnica Educacional (Mestrado  
Profissional em Ensino) - Universidade Estadual do  
Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da  
Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino, 2023.

1. Autismo. 2. Escola. 3. Inclusão. 4. Formação  
de professores. I. Meneghello Passos, Marinez,  
orient. II. Título.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>05</b>
<b>2 PODCAST .....</b>	<b>06</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta produção técnica educacional trata-se da elaboração de um *podcast*, denominado “Um *podcast* sobre a criança autista na escola regular: o que dizem professoras, formadora e mães”, que compõem a Dissertação de Mestrado intitulada “A criança autista na escola regular: olhares de professoras de uma escola de Ensino Fundamental”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN) da Universidade Estadual do Norte do Paraná, *Campus* Cornélio Procópio.

A intenção a respeito da elaboração de *podcasts* está relacionada às dúvidas e percepções relativas ao autismo, que pudemos observar durante vários anos vivenciados profissionalmente nas escolas e o convívio com diversas professoras que nos apresentavam dia a dia suas manifestações.

## 2 PODCAST

A palavra *podcast* é nova, com surgimento no ano de 2004, quando iniciou sua divulgação pelo jornal britânico “*The Guardian*”, em um artigo que citava a possibilidade de o usuário produzir seus próprios programas de rádio, utilizando um *ipod*, um *software* de áudio e um *blog* para divulgação desses programas.

Segundo alguns *podcasters*, o vocabulário teve origem através das palavras *Broadcasting* (radiodifusão) com *ipod* (aparelho portátil que reproduz sons em MP3) e essa tecnologia pode ser considerada uma evolução dos *blogs* que deram origem posteriormente aos *audioblogs* (FREIRE, 2014).

Se os blogueiros antes escreviam seus pensamentos, passaram a gravá-los e publicá-los por meio desses áudios em arquivos. Adam Curry foi quem fez as modificações referentes aos formatos dos áudios, alterando o processo de publicação dos *audioblogs*, que anteriormente eram ouvidos no interior do *blog*.

Quanto ao desenvolvimento da programação a ser veiculada, fica a critério do *podcaster*, que é responsável pela produção dos episódios e dos conteúdos que serão abordados, com diferentes tipos de registros (palestra, entrevista, exposição, aula). Suas principais vantagens são: facilidade de uso, gratuidade, portabilidade, sendo importante utilizar uma linguagem adequada para o público-alvo. Diferente de algumas rádios que impõem algumas restrições, os áudios possuem certa liberdade de expressão.

Os recursos utilizados para a realização dos programas são: um computador com acesso à *internet*, o microfone e *software* específico para a edição dos conteúdos. Depois de prontos, os usuários podem acessar através da *web*, o ouvinte pode escolher onde quer ouvi-lo, no computador ou em qualquer aparelho que reproduza mp3, celulares, *smartphones*, *ipod* etc.

Outro diferencial é que, tendo feito o *download* dos episódios, estes podem ser ouvidos de forma linear ou não, de acordo com as possibilidades de tempo e lugar de cada ouvinte, permitindo assim o acesso direto às informações e conteúdos desejados, sem horários específicos ao uso e dando ao ouvinte a possibilidade de escolher o que deseja ouvir e ainda tem a possibilidade de “navegar em áudio”, selecionado na formulação dos programas e consegue, se desejar, interagir com o *podcaster* por meio de fóruns de discussão e *chats*, disponíveis no *site* em que o programa está hospedado, em geral, vinculados a um *blog*.

A Associação Brasileira de *Podcasters* (ABPod), fundada em 13 de maio de 2006, possui o objetivo de orientar, coordenar e representar locutores, produtores e comentaristas de *Podcast* brasileiro.

Em 2020, a PodPesquisa apontou o número de ouvintes num total de 30 milhões<sup>1</sup> de brasileiros, considerando um aumento desse hábito entre os brasileiros.

A programação de *podcast* permite que usuários que tenham acesso à internet troquem ideias, emitam opiniões sobre determinado assunto, atingindo pessoas de diferentes lugares do mundo, anulando distâncias até então não superadas.

Devido à sua disponibilização na internet, o acesso aos áudios do *podcast* é de forma não vinculada à sua produção, pois o *podcaster* realiza as gravações, suas edições e, posteriormente, define o processo de produção, disponibilizando na *web* para serem ouvidos de acordo com a escolha de seus usuários, não possuindo assim uma sincronia entre produção, publicação e escuta.

Outra facilidade que proporciona ao ouvinte é que, além de escolher o assunto do seu interesse, ainda pode interrompê-lo sempre que achar necessário e voltar a ouvi-lo quando quiser, de acordo com seu tempo. Estima-se que o tempo de duração dos ouvintes de *podcast* gera em torno de três horas semanais e que a maioria participa dos comentários sobre os assuntos escolhidos.

A maioria dos *sites* possibilita fóruns de discussão, onde os usuários trocam informações, debatem sobre o assunto do episódio, podendo fazer sugestões para a produção de novos episódios, de acordo com seus interesses, a partir das questões colocadas nos fóruns e comentários.

Outra possibilidade é a interação de *links* disponibilizados pelo uso do *podcast*, é a navegação entre assuntos relacionados com os episódios. Enquanto o ouvinte escuta o *podcast*, pode navegar pelo *site* disponibilizado para obter mais informações acerca dos assuntos abordados nos episódios.

Segundo Primo (2008), o *podcast* possibilita outras interações, extrapolando o simples fato de escutar, oferecendo imagens, capítulos e *links* para navegação através da internet, com recursos hipertextuais e de multimídia diversificados, conforme o interesse dos ouvintes.

Medeiros (2006) destaca diferentes modelos de *podcast*, sendo eles:

---

<sup>1</sup> <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>

- modelo metáfora, quando possui características iguais à programação de uma emissora de rádio convencional;
- modelo editado, funciona como opção para o ouvinte que perdeu seu programa favorito;
- modelo registro ou *audioblog*, com diversos conteúdos de especificidades variadas, tendo formatos mais específicos com noticiários e comentários tecnológicos, guia de turismo, aulas, até um desabafo;
- modelo educacional, que tem sido utilizado recentemente e atrelado ao Ensino à Distância – EaD, tendo conteúdos ministrados por professores e alunos.

Na área educacional o *podcast* se apresenta como um grande potencial para os próximos anos, já que tanto para professores como para alunos pode ser utilizado como uma nova metodologia de ensino, proporcionando novas formas de ensino e trocas de experiências. Dependendo do assunto o *podcast* pode ser utilizado como um emissor de áudio, atendendo boa parte das necessidades por meio de palestras, entrevistas, debates.

O uso de *podcast* também oferece a oportunidade de alunos faltosos ouvirem os conteúdos em outros momentos e locais, diversificando a atividade de estudo, contribuindo para a autonomia do aluno e fazendo com que ele se torne responsável pela construção do seu aprendizado. Aos alunos deficientes visuais, representa a oportunidade de ouvir seus episódios de forma autônoma.

Portanto, pensando em relação ao tempo e ao espaço físico, a utilização de *podcast* quebra barreiras, pois os usuários podem escolher onde e quando ouvir os áudios ou episódios, a qualquer momento e em qualquer lugar, gerando assim uma condição de portabilidade.

No primeiro momento foi perguntado para quinze professoras da unidade escolar quem gostaria de participar da pesquisa e fazer gravação em formato de áudio para, posteriormente, ser montado um *podcast* da pesquisa.

Apenas três responderam que sim no mesmo momento, outras três responderam que precisavam pensar um pouco e no dia seguinte dariam a resposta, quatro responderam não ter interesse em participar e outras cinco disseram que não teriam tempo e vontade de participar, devido ao cansaço da rotina escolar.

No dia seguinte apenas uma professora respondeu que aceitava participar e uma respondeu que não queria ser depoente.

As cinco professoras que aceitaram participar, primeiramente disseram que não estavam prontas e se sentindo seguras para participar de uma pesquisa, que fazia muito tempo que não participavam de nada e estavam distantes das leituras escolares.

Foi explicado que o intuito da pesquisa era saber um pouco da realidade delas com crianças autistas e que ninguém tinha a intenção de impor certo ou errado para as respostas dadas.

A primeira depoente, na primeira gravação, teve um ataque de risos e não conseguia se concentrar, dizendo que estava muito nervosa e não conseguiria gravar nada, foram realizadas três tentativas de gravação e conforme ia ouvindo sua fala pedia para recomeçar o áudio.

A segunda depoente disse que primeiro queria ouvir o áudio gravado pela colega e que em seguida daria sua resposta, demonstrou timidez, mas conseguiu dar sua resposta, queria refazer o áudio, como não tinha necessidade, concordou em manter o mesmo.

A terceira entrevistada estava calma e segura, mas ao apertar o botão e começar a gravação, pediu para ser feita a gravação na sua residência, pois teria uma concentração melhor e gostaria de analisar o áudio antes da utilização. Foi respeitada sua vontade, à noite ela fez a gravação e me enviou.

Conforme aceitaram participar das gravações, foram elaboradas 4 perguntas:

#### Primeira pergunta

- O que você pensa sobre autismo?
- Conte-me sua experiência de forma pessoal, profissional e o que espera que as crianças autistas consigam realizar.

#### Segunda pergunta

- O que você pensa sobre o processo de formação de professores referente à Educação Inclusiva?

#### Terceira pergunta

- Qual sua opinião sobre o processo de inclusão na escola regular?

#### Quarta pergunta

- O que a professora pensa sobre Educação Inclusiva?

Respondidas as questões, foram montados os áudios na sequência das perguntas.

Foi feito um convite para uma responsável do setor de autismo que trabalha na APAE de Ourinhos. Ela aceitou no mesmo instante, pedindo apenas que fosse feita uma carta-convite, formalizando o pedido e enviado um *e-mail* para a diretora da instituição assinar a autorização e assim foi feito. No mês seguinte foram enviadas as respostas para a formação do produto.

E por último, foram convidadas duas mães de meninos autistas para falarem sobre seus filhos, uma com um filho com autismo leve e outra com o filho com autismo moderado. Elas aceitaram no mesmo momento do convite e enviaram o áudio na semana seguinte, explicando como foi receber o diagnóstico, suas reações e expectativas em relação ao Transtorno do Espectro Autista. Ficou evidente o quanto se emocionaram ao realizar a gravação.

Para a elaboração do *podcast* foi feito um convite para um aluno do programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Londrina, Marcos Akira, que aceitou o convite e editou as gravações para a montagem do *podcast*.

A gravação do áudio das entrevistas, autorizada previamente pelos participantes, tornou-se instrumento essencial durante a transcrição, uma vez que se pretendeu ir além da captação do discurso. A intenção da gravação é dar sentido à fala do entrevistado, marcando os principais elementos percebidos que demonstram muitos sentimentos e inquietações implícitos expressados pelas diferentes entonações de voz e que no momento da entrevista podem passar despercebidos.

O *link* dos áudios encontra-se na plataforma, o responsável pela edição e formatação pelo produto educacional é Marcos Akira Umeno, que responde pelo *e-mail*: [marcos.umeno98@gmail.com](mailto:marcos.umeno98@gmail.com).

<https://anchor.fm/sci-on-akira/episodes/Produto-Educacional-PPGEN-UENP-e1pguhu/a-a8nhau>

O produto encontra-se publicado na Plataforma Cientificamente Falando e foi postado no mês de outubro de 2022, com duração de quarenta minutos e quarenta e cinco segundos. Neste caso para a realização do exame de qualificação, ocorrido em 09 de dezembro de 2022.

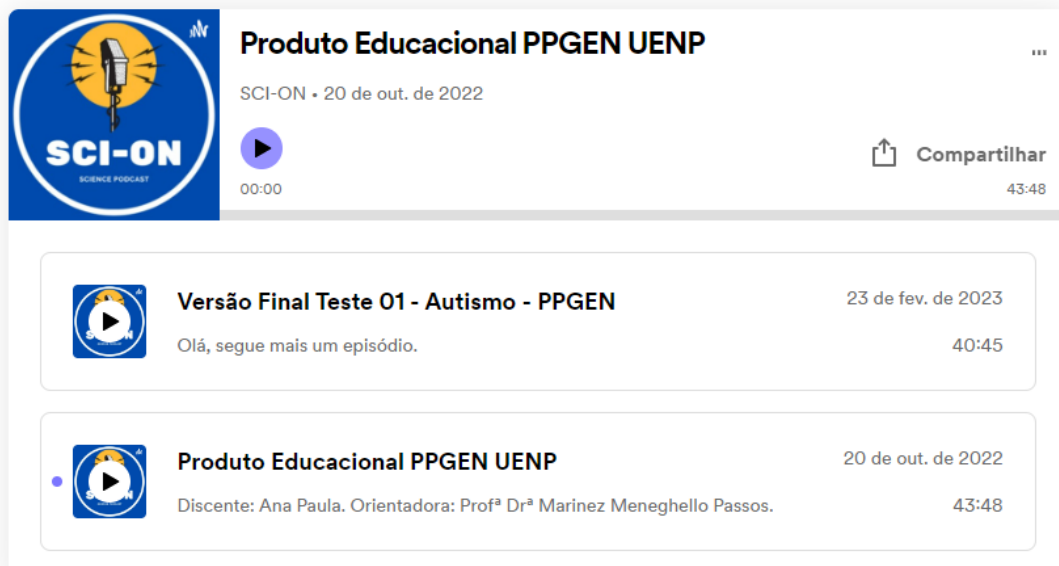
Após o exame de qualificação alguns ajustes foram realizados e uma nova versão do *podcast* foi disponibilizada em fevereiro de 2023, agora com duração de 40 minutos.

Ao acessar o endereço eletrônico disponibilizado anteriormente teremos acesso à página representada a seguir por duas figuras:

Figura 1 – Parte superior da página



Figura 2 – Parte inferior da página



Como pode ser observado na segunda imagem, temos neste sítio uma versão datada de outubro de 2022 e a versão final para o processo de defesa da dissertação e da produção técnica educacional datada de fevereiro de 2023.

Disponibilizamos, a seguir, cronologicamente a estrutura do *podcast*, temporalmente. Como se fosse um sumário do que o ouvinte terá acesso. Na primeira

coluna temos os podcasters, na segunda a descrição sucinta do que ocorreu e na terceira o período em que ocorreram as manifestações.

Quadro 1 – Estrutura do podcast

<b>Podcasters</b>	<b>Descrição das partes do Podcast</b>	<b>Período de fala</b>
Ana Paula	Apresentação.	00:01-00:47
Ana Paula	<u>Primeira pergunta</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>O que você pensa sobre autismo?</li> <li>Conte-me sua experiência de forma pessoal, profissional e o que espera que as crianças autistas consigam realizar.</li> </ul>	00:48-01:02
Professora 1	Resposta.	01:03-01:23
Professora 4	Resposta.	01:24-02:35
Professora 4 – sobre sua experiência	Resposta.	02:36-03:45
Professora 3	Resposta.	03:46-04:45
Professora 3 – sobre sua experiência	Resposta.	04:46-07:08
Professora 2	Resposta.	07:09-08:57
Professora 2 – sobre sua experiência	Resposta.	08:58-11:43
Professora 5	Resposta.	11:44-12:30
Professora 5 – sobre sua experiência	Resposta.	12:31-13:11
Ana Paula	<u>Segunda pergunta</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>O que você pensa sobre o processo de formação de professores referente à Educação Inclusiva?</li> </ul>	13:12-13:22
Professora 4	Resposta.	13:23-14:28
Professora 3	Resposta.	14:29-15:35
Professora 1	Resposta.	15:36-15:47
Professora 2	Resposta.	15:48-16:27

Professora 5	Resposta.	16:28-17:07
Ana Paula	<u>Terceira pergunta</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>Qual sua opinião sobre o processo de inclusão na escola regular?</li> </ul>	17:08-17:17
Professora 4	Resposta.	17:18-18:43
Professora 3	Resposta.	18:44-19:52
Professora 1	Resposta.	19:53-20:26
Professora 2	Resposta.	20:27-21:57
Professora 5	Resposta.	21:58-23:40
Professora 5 – complementando a resposta	Resposta.	23:41-24:17
Ana Paula	<u>Quarta pergunta</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>O que a professora pensa sobre Educação Inclusiva?</li> </ul>	24:18-24:24
Professora 1	Resposta.	24:25-24:40
Professora 2	Resposta.	24:41-25:39
Professora 3	Resposta.	25:40-27:47
Professora 5	Resposta.	27:48-28:44
Professora 4	Resposta..	28:45-30:07
Ana Paula	Agora ouviremos duas mães de meninos autistas.	30:08-30:12
Mãe 1 (mãe do Heitor, com 12 anos, TEA leve, nível 1 de suporte).	Depoimento de uma mãe.	30:13-31:40
Mãe 2 (mãe do Miguel, de 08 anos, TEA severo).	Depoimento de outra mãe.	31:41-33:54
Ana Paula	Agora ouviremos uma formadora da APAE	34:55-34:59
Formadora da APAE	Depoimento da formadora.	34:60-40:07

Ana Paula	Finalização.	40:08- 40:30
	Vinheta instrumental.	40:31- 40:46

Fonte: a autora.

Na continuidade elaboramos o Quadro 2 que traz a mesma estrutura do Quadro 1, contudo com a inserção das transcrições das falas, na coluna central do quadro.

Quadro 2 – Transcrição do podcast

<b>Podcasters</b>	<b>Transcrição do Podcast</b>	<b>Período de fala</b>
Ana Paula	Olá. Sou Ana Paula, estudante do PPGEM, do curso de Pós-graduação da UENP, <i>campus</i> de Cornélio Procópio, orientanda da professora Marinez Meneghello Passos e quem editou e formatou esse produto foi o Marcos Akira Umeno. O assunto abordado nesse podcast é sobre o Transtorno do Espectro Autista, ouvindo cinco (05) professoras que trabalham na mesma escola de Educação Básica, em uma cidade no interior do estado de São Paulo. O assunto abordado é sobre o Transtorno do Espectro Autista. São as vivências das professoras, suas experiências e as suas angústias.	00:01- 00:41
Ana Paula	Foram feitas 04 perguntas para as professoras.	00:42- 00:47
Ana Paula	A primeira pergunta é sobre o que as professoras pensam sobre o autismo, as suas experiências de forma pessoal e profissional, e o que elas esperam que as crianças autistas consigam realizar.	00:48- 01:02
Professora 1	O autismo é um transtorno que tem se destacado nos últimos tempos. Antigamente, um laudo clínico era bem difícil de se diagnosticar, mas hoje, com o avanço da medicina, esse transtorno tem sido diagnosticado bem cedo, ajudando muito os familiares, bem como nós professores.	01:03- 01:23
Professora 4	O que eu penso sobre o autismo? O autismo, há um tempo atrás, nós não ouvíamos muito falar sobre ele, né, mas a gente sabe que muitos adultos podem ser autistas, só que não diagnosticados, porque antes a gente não tinha todos esses estudos sobre o assunto. E agora nós vemos crianças que, você olhando para elas, você não consegue diferenciar uma criança com e uma criança sem autismo. Só que quando você começa a conviver com elas, né, você vê que acontece, às vezes, de movimentos estereotipados; quando a criança, às vezes, não olha fixamente para você. Então, têm algumas	01:24- 02:35

	<p>características de criança autista. E eu penso que a criança autista pode também, assim como os outros, conviver junto com as demais crianças ditas normais, porque precisa sempre, vou continuar dizendo isso, que a socialização é muito importante. Todos os indivíduos, né, precisam viver em sociedade e o autista também, com toda a sua especificidade.</p>	
<p>Professora 4 – sobre sua experiência</p>	<p>Minha experiência com autista. Na cidade onde eu trabalho, né, já têm professores de Educação Especial que trabalham com autista ou outras síndromes também. E quando eu comecei a trabalhar, na sala em que eu atuava, não tinha nenhuma professora especialista. Então, eu trabalhei o ano todo com um aluno que depois foi comprovado que era autista. Ele tinha sensibilidade com o barulho da sala de aula, ficava balançando, estava estereotipado. Então, foi uma experiência que, foi um ano assim, não digo tranquilo, mas um ano que trabalhamos normalmente com o aluno. Ele tinha um pouco mais de dificuldade, né, na aprendizagem, porque precisava daquela atenção especial para ele, e não tinha, naquele momento não tinha ninguém que trabalhasse só com ele, mas a gente foi trabalhando o ano todo e ele foi conseguindo, na medida do possível, realizar as atividades. Foi uma experiência muito boa. Sempre a gente aprende algo novo e vamos conviver com as outras pessoas.</p>	<p>02:36- 03:45</p>
<p>Professora 3</p>	<p>O que eu penso, de maneira pessoal sobre o autismo. Que pode ter na minha família, como já tem; que pode ter na sua. Então, a gente tem que viver da melhor maneira possível e acolher as crianças autistas, ou os adultos que, talvez, não tenham sido diagnosticados na infância. É a melhor coisa que a gente tem para tentar fazer. Tem que acolher; viver, estudar, aprender sobre como cuidar de cada um, de maneira social também, porque o convívio precisa ser bom, tanto para nós como para o autista. Precisamos saber acolher. Precisamos, se não é na sua família é na família de um amigo, saber como respeitar essa família que tem essa criança ou alguém autista. A gente precisa ter todo esse cuidado, todo esse respeito. E de forma profissional, aprender, nos qualificar cada dia mais para poder atender a demanda que está tendo com as crianças e com o autismo.</p>	<p>03:46- 04:45</p>
<p>Professora 3 – sobre sua experiência</p>	<p>Minha experiência com o autismo, com o autista, ela iniciou antes do processo educacional. Eu tenho um autista na família, meu cunhado é autista, já está com mais de 50 anos e é um autista mais leve, mas é um autista. Esse foi o primeiro contato que eu tive com o</p>	<p>04:46- 07:08</p>

	<p>autismo. Ele frequentou a escola regular até um bom tempo, até 40 e poucos anos, né, de uma forma de inclusão, e agora ele saiu desse processo de ir para a escola. Dentro da profissão, dentro da sala de aula, o meu primeiro contato com o autista foi na Educação Infantil e um contato muito desafiador, porque cada caso é um caso, cada um tem suas características próprias. Confesso que há muita dificuldade no início. Até você se adaptar, até você conhecer, até você pegar a forma correta de lidar com as situações de cada um, com cada característica pessoal de cada um é um pouquinho complicado. O autismo, eu acho que é um caminho ainda muito desconhecido, que gera muitas dúvidas, acho que tanto para a família, professor, porque são casos que vêm aumentando muito, muito, e a gente não consegue achar resposta do porquê. Casos leves, casos moderados, casos severos, e a gente não sabe exatamente o porquê desse aumento tão grande, e tem aumentado. Então, eu acho que hoje em dia poucas salas de aula não possuem nenhum caso de autismo, nem que seja um caso leve. Eu acho que a maioria tem e esses casos têm aumentado bastante. De maneira pessoal é uma dúvida; é sempre uma incógnita, é sempre uma dúvida. Como lidar, como vai ser, como é essa criança, como trabalhar com ela. Ainda há uma lacuna muito grande e há buscar por informações constante, porque muda muito. Cada caso é um caso e cada caso requer uma busca diferente, uma metodologia diferente. Então, é muito desafiador.</p>	
Professora 2	<p>O que eu penso sobre o autismo. Eu tenho estudado, buscado compreender melhor sobre o autismo. Eu sei que uma pessoa com autismo é muito diferente de outra também, né. Eu acredito que a escola seja muito boa para essas crianças, mas que também não devam se limitar apenas à escola regular, cujo foco maior é o ensino acadêmico. Eu acredito que as escolas especializadas podem contribuir muito no sentido de proporcionar autonomia na vida cotidiana dessas crianças, o que falta em ambiente escolar. Dessa forma, então, essas duas escolas se complementariam. Eu vejo também que, dependendo do grau do espectro que a criança esteja, o tempo normal na escola, cinco (05) horas, eu acho muito cansativo. Eles não conseguem produzir muito; ficam muito cansados, irritados com o barulho; choram, gritam, não conseguem ficar na sala de aula. Então, eu acho que deveriam ficar menos tempo dentro da escola, né, que a gente observa que tem um sofrimento ali com aquela criança; que a criança está</p>	07:09-08:57

	<p>sofrendo naquele ambiente, gritando muito tempo. Então, eu acho que deveria tentar devagar, com menos tempo, né. Têm crianças autistas que acompanham muito bem a escola, e a gente percebe que a escola é muito boa para essas crianças, porque é um ambiente que tem rotinas e essas crianças têm a oportunidade de desenvolver melhor a sua linguagem, a convivência em grupo. Então, eu acho que para essas crianças que têm um nível mais..., não um nível tão grave de autismo, para essas crianças a escola é boa. Agora para as outras que têm um comprometimento maior, eu acho que o tempo normal da escola é muito cansativo. Eu acho que isso daí.</p>	
<p>Professora 2 – sobre sua experiência</p>	<p>Agora eu vou falar um pouco sobre a minha experiência. Minha experiência com autismo se limita apenas à escola mesmo. Enquanto professora de sala regular, eu tive estudando comigo poucas crianças autistas e todos eles com grau, assim, muito leve. Então, eu sempre tentei, assim, durante as minhas aulas controlar meu tom de voz, controlar o tom de voz das outras crianças para não incomodar muito a criança autista. Eu sempre converso muito com os alunos sobre as dificuldades da criança, do colega autista, no caso dos barulhos, às vezes algumas manias. Então, a gente sempre conversa com eles para eles, assim, quando observarem alguma situação não ficarem espantados, não demonstrarem para a criança que está alguma coisa muito chocante, diferente. Eu fiz o possível durante o tempo que eu trabalhei com a criança autista em sala de aula – esse ano eu não tenho criança autista –, nos anos que eu trabalhei, que eu tive algumas crianças, eu sempre fiz o possível para manter um trabalho colaborativo e de compartilhamento com a professora do AEE que fica sempre com a criança, em relação a atividades adaptadas, em manter a rotina, em promover a interação entre a criança autista com as outras. É um trabalho que eu tento fazer sempre de forma muito atenta e muito pontual. Agora, este ano eu estou também como professora de informática, e neste ano a gente têm crianças com autismo com grau mais severo na escola. Então, o que eu tenho observado, assim, em alguns momentos eu não vejo a escola como uma boa opção para a criança com autismo muito severo, porque eu percebo um sofrimento na criança, sabe? Eles ficam gritando, eles não conseguem ficar na escola, o barulho incomoda. Então, têm momentos que eu vejo que a escola faz mais mal do que bem</p>	<p>08:58- 11:43</p>

	<p>para essas crianças. A nossa escola tem tido o cuidado de modificar o horário de entrada dessas crianças; eles entram um pouquinho mais tarde e saem um pouquinho mais cedo para evitar o barulho. Eu vejo nessas tentativas apenas uma forma de socializar essa criança nesse ambiente escolar, porque eu vejo que ela não consegue muito fazer atividade, principalmente na aula de informática tem criança que nem consegue ficar sentada olhando para o computador. Eles ficam correndo na sala, gritando. Então, assim, seria mais um momento para socializar eles com as outras crianças e também eu acho que é importante para a gente construir uma sociedade mais inclusiva. Eu acho muito importante essas crianças estarem convivendo.</p>	
Professora 5	<p>De maneira pessoal, eu acho que as pessoas autistas estão cada vez mais na sociedade. Então, acho que é muito importante o diagnóstico rápido para que elas recebam os cuidados, né, o cuidado físico, mental, emocional o mais cedo possível, né, além dos familiares receberem essas orientações de forma adequada. Então, eu acho que esse diagnóstico antecipado também é importante para que se possam fazer os encaminhamentos, quando necessário, para uma equipe de profissionais, que pode ser um fisioterapeuta, um fonoaudiólogo, terapeutas ocupacionais, psicólogos etc. Então, de forma pessoal eu acho isso, que as crianças estão aí, mas que esse diagnóstico tem que ser feito de forma rápida.</p>	11:44-12:30
Professora 5 – sobre sua experiência	<p>Acredito que o autismo é uma síndrome que atinge algumas crianças de maneira diferente, sendo de forma leve, moderada e severa; algumas com comprometimento maior na fala, na socialização, na interação, no comportamento; cada criança com características diferentes. Minha experiência com criança autista teve início em 2015, trabalhando como professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) na sala regular. Desde então venho trabalhando regularmente com criança autista na sala regular, da primeira à terceira série da Educação Básica.</p>	12:31-13:11
Ana Paula	<p>A segunda pergunta é: o que as professoras pensam sobre a formação de professores em relação à Educação Inclusiva?</p>	13:12-13:22
Professora 4	<p>O que eu penso sobre a formação de professores referente à Educação Inclusiva. Cada dia mais os professores estão aprendendo mais, estudando mais, se especializando, e a Educação Inclusiva todas as salas de aula têm. Sempre tem alguma criança que</p>	13:23-14:28

	<p>precisa de um atendimento diferenciado, um atendimento especial, um atendimento inclusivo. Então, a gente precisa constantemente estar estudando para poder atender da melhor forma possível essa criança na sala de aula, saber sua especificidade. E quando a gente estuda, também, não viu sobre um assunto, porque cada um é de um jeito e sempre está aparecendo coisas novas. Então, a gente precisa procurar saber, se informar, para que consiga, de alguma maneira, inserir essa criança na educação realmente; para que seja uma educação de forma inclusiva.</p>	
Professora 3	<p>Todo tipo de inclusão é essencial, principalmente para o professor polivalente, e é uma coisa que nem sempre é exigida. Por isso que eu fui buscar, busco um pouco dessa formação de pós-graduação em Educação Especial, mas ainda me sinto falha nessa busca. Eu acho que eu teria que estar buscando muito mais e tenho, porque os casos estão aumentando e o aluno é nosso. Nós temos aqui no estado de São Paulo, em especial em Ourinhos, esse auxílio, mas nós temos esse auxílio na rede pública municipal. Não é todo lugar que tem esse auxílio do professor da Educação Especial estar acompanhando esse aluno, porque esse professor acaba se especializando mais, estudando mais, buscando mais. O polivalente tem 25 a 30 alunos em uma sala. Então, assim, eu acho que essa busca por formação tem que ser incentivada, tanto pelos órgãos públicos e por interesse do professor polivalente da sala, porque o aluno é dele, a inclusão está presente e a gente tem que tentar fazer sempre o melhor por essa inclusão.</p>	14:29-15:35
Professora 1	<p>O processo de formação tem melhorado a cada ano. Antigamente, como era um assunto que não era muito conhecido, o preparo era bem diferente do que é hoje.</p>	15:36-15:47
Professora 2	<p>De profissional eu acho que a gente tem muito o que aprender enquanto professores, porque são tantas as inclusões, né, tantas as diversidades das crianças, para que a gente não deixe o currículo deles esvaziado. Porque a gente vai tirando, tirando, vai mudando, vai deixando um conteúdo raso, sem sentido, sem significado e, ao invés da gente incluir essas crianças, a gente está promovendo a exclusão. Porque tem muita criança que tem capacidade; o que precisa é a gente encontrar novas formas de ensinar, não a gente tirar o conteúdo do currículo, esvaziar o currículo delas. Eu tenho pensado muito sobre isso.</p>	15:48-16:27

Professora 5	A formação de professores na Educação Especial é essencial, pois a demanda tem aumentado a cada ano, e as particularidades de cada criança são visíveis e únicas. Cada criança tem a sua característica, as suas necessidades e as suas habilidades, e o profissional precisa sempre estar buscando a sua formação. E também o olhar amplo das políticas públicas voltado para a formação desse profissional, devido as várias patologias que ele vai encontrar dentro da sala de aula e fora dela.	16:28-17:07
Ana Paula	A terceira pergunta foi em relação ao processo de Educação Inclusiva na escola regular.	17:08-17:17
Professora 4	Olá, tudo bem? A respeito do processo de inclusão na escola regular. É muito importante tanto para a família das crianças, que precisam dessa socialização, porque uma criança, uma pessoa não pode viver sozinha. Então, essa inserção na escola regular é importante. Claro que não são todos os níveis de inclusão que podem ser colocar na escola, né. Por isso existe a escola especial, que é a APAE. Então, têm alguns que são muito graves e frequentam a APAE; os outros, que dá para inserir na sociedade, que dá para conviver com outras crianças, é muito importante. Aqui no nosso município de Ourinhos isso é muito forte, a inserção de alunos, porque tem professor de Educação Especial, professor especialista para trabalhar com cada criança, com a sua necessidade especial, e tem sido muito proveitoso, tanto para as crianças que são da Educação Especial quanto para as crianças ditas normais. Porque a convivência é importante. E assim, também, quando tem outro professor que auxilia na escola regular, aí sim, aí tem rendimento. Difícil seria se o professor estivesse sozinho na sala de aula para atender todas as crianças, mas com o apoio tem sido bastante proveitoso.	17:18-18:43
Professora 3	O ambiente escolar precisa estar adaptado em todos os sentidos: físico, ambiente físico; capacitação profissional; material adaptado. Então, tudo isso ainda requer estudo, requer trabalho, requer um olhar atento, que incluir, trazer o aluno de inclusão para dentro da escola regular sem oferecer a ele nenhum tipo de recurso para a sua inclusão, para a sua deficiência, para aquilo que ele precisa para melhorar, para que realmente se inclua, é um processo ainda longo, é um processo ainda em construção e é um processo que, muitas vezes, ainda é falho. Porque falta recurso, falta profissionais, falta ambiente adaptado, falta orientação, falta muita coisa para podermos dizer que estamos realmente	18:44-19:52

	incluindo esse aluno. A escola precisa, o ambiente escolar precisa ter adaptação, precisa ter o ambiente necessário para que esse aluno consiga realmente se sentir parte daquele ambiente.	
Professora 1	Como professora sou extremamente a favor do processo de inclusão no ensino regular, mas até um certo ponto, pois a gente sabe que o autismo tem seus níveis desde o mais leve até o mais severo, que, ao meu ver, eles não conseguem viver socialmente. Incluir não significa apenas acolher uma criança autista, mas sim incluir em um ambiente em que ambas as partes sejam respeitadas, tanto a criança que está sendo inserida nesse contexto escolar como as próprias crianças que já estão nesse contexto.	19:53-20:26
Professora 2	Qual a sua opinião sobre o processo de inclusão na escola regular? Bom, eu acredito que a inclusão na escola regular ainda está engatinhando. A gente já tem muitas leis que regulamentam, mas ainda tem muito o que ser feito, no sentido de que alguns professores ainda não aceitam muito bem essas crianças, né. A gente vê ainda profissionais pedindo para a direção não colocar inclusão em suas salas, se negando a trabalhar adequadamente com os professores AEE, aqueles que acompanham os professores na sala regular. Em outros casos, também, há um distanciamento, que eu vejo, entre o professor da sala regular e da sala multifuncional; é um trabalho em um período, outro em outro período e eles não conseguem se comunicar, fazer trocas, sabe, conversar sobre aquele aluno que é aluno dos dois, né. Eu acho que falta, assim, uma maior parceria, mais troca entre eles. E eu acho que também falta mais engajamento por parte de alguns professores para buscar formação nessa área, né, porque muitos recebem esses alunos, mas ficam perdidos. Não sabem o que fazer com eles e também não buscam estudar, conhecer a deficiência da criança. Eu acho que tem muita coisa para ser feita ainda. Lógico que está muito melhor do que já estive no passado. Hoje em dia está muito melhor, principalmente por causa das leis que regulamentam, mas ainda tem muita coisa para ser feita.	20:27-21:57
Professora 5	Em relação ao processo de Educação Inclusiva na escola regular, eu penso que deveria ser de uma forma com muita cautela e um olhar bem crítico voltado para a necessidade da criança, porque não basta apenas ter a matrícula garantida e inserir a criança, só que não ter os recursos, não ter, de repente, um profissional habilitado. Eu acho que é	21:58-23:40

	<p>importante sim, se faz necessário, só que com essas condições, porque têm crianças que se adaptam fácil e têm outras que já demoram. Então, ver todo esse contexto. De repente começar, iniciar com um período menor e, gradativamente, ir aumentando a permanência dessa criança no ambiente escolar, porque têm muitas crianças que ficar quatro (04), cinco (05) horas em um ambiente escolar é mais um prejuízo, vamos dizer assim, do que um desenvolvimento, porque é muito tempo, é muito angustiante. Se torna até angustiante para o professor também que, muitas vezes, nem sabe o que vai fazer com essa criança tanto tempo diante das suas limitações. Têm outras crianças que se adaptam super bem, ficam super bem na escola, conseguem se encontrar ali naquele ambiente. São feitas poucas adaptações ou muitas adaptações, mas a criança se sente bem, consegue permanecer nessa carga horária. Então, eu acho que esse processo tinha que ser visto caso a caso, pensando no desenvolvimento dessa criança.</p>	
Professora 5 – complementando a resposta	<p>Eu acredito na Educação Inclusiva na escola regular desde que sejam verificados alguns aspectos, como o nível de deficiência dessa criança; como ela se adapta; os recursos disponíveis; se o professor está preparado para atender essa criança; a questão do horário, da rotina escolar; a questão da parceria com a família; se essa criança faz os atendimentos que necessita na APAE (ou não). Tudo isso influencia nessa inclusão no ensino regular.</p>	23:41-24:17
Ana Paula	<p>A última pergunta é sobre o que a professora pensa sobre a Educação Inclusiva.</p>	24:18-24:24
Professora 1	<p>É aquela que incluir a criança como um ser capaz de aprender, levando em conta sua capacidade para isso, adaptando o conteúdo, sempre que necessário, ao nível intelectual.</p>	24:25-24:40
Professora 2	<p>Eu acho muito importante as crianças de agora conviverem com crianças especiais, para que elas desenvolvam empatia, respeito, cuidado com o outro, diferente de muitos adultos, atualmente, inclusive professores. Então, eu acho que essa convivência entre eles é muito importante, né, também para a construção de uma sociedade melhor. Eu acho muito bonito ver lá na escola uma criança empurrando a cadeira de rodas do amigo, sentando-se no chão para brincar com o colega cadeirante, porque quando desce da cadeira para brincar no chão os colegas se sentam para brincar com ele na sala de aula desenvolvendo atividades, ajudando. Outro dia uma criança levou um tapa de um colega autista e ele</p>	24:41-25:39

	<p>chorava e falava: “não, tudo bem, tudo bem, porque ele não sabia o que ele estava fazendo”, sabe? Eu achei tão, eu fiquei com dó, mas eu achei bonito, porque essa é a atitude de uma pessoa que provavelmente vai ser um adulto melhor do que a gente tem visto hoje.</p>	
Professora 3	<p>A meu ver, ela precisa ser olhada com muita atenção, com muito critério, porque eu acredito que, como nós estamos ainda dentro de uma realidade de escolas que não estão totalmente adaptadas e preparadas para receber a inclusão, eu acredito que determinadas inclusões, níveis e graus de dificuldade, a escola regular ainda não está pronta para receber essa inclusão. Então, acho que determinados casos, a escola regular, a escola pública, não está preparada para receber essa inclusão. É aluno que eu considero que não é aluno de escola regular, que ele requer um ambiente mais preparado, ele perde recursos, ele não consegue acompanhar, ele não consegue ficar dentro da sala. Aquilo que a sala tem não tem nada a oferecer para ele que seja atrativo, que consiga fazer com que ele se desenvolva, que ele evolua mais, porque é um aluno que um lápis, um caderno, uma lousa, não vai ter significado nenhum para ele; ele precisa de recursos e esses recursos inclui tudo: o ambiente em que está a sala, o material, o professor. Então, tudo isso é um ambiente diferente da escola regular. Então, têm casos que eu percebo que o aluno, ao invés de estar incluindo, ele está se excluindo; ao invés de estar contribuindo para que ele se desenvolva, ele fica mais agitado, ele até regride. Então, assim, cada caso é um caso. A inclusão é um mistério; ela não é uma regra geral, todas as crianças não são e não seguem uma regra geral. Sendo assim, cada caso deve ser olhado caso por caso e têm casos, devido a sua gravidade, a escola regular ainda não está preparada para receber.</p>	25:40-27:47
Professora 5	<p>A Educação Inclusiva, na minha opinião, é de extrema importância; ela contempla um público que precisa e depende de outras necessidades, de outro formato de currículo. É um olhar diferenciado e, ao mesmo tempo, é muito complexo, porque o currículo para uma criança especial não serve para outra, devido às suas limitações. Então, eu acredito que a Educação Inclusiva é muito complexa. A Educação Especial, na escola regular, eu acredito que deveria ter um currículo próprio, um formato próprio de acordo com a necessidade dessa criança, de acordo com suas limitações e de acordo com suas</p>	27:48-28:44

	habilidades. Um trabalho diferenciado que seria o ideal, na minha opinião.	
Professora 4	O que eu penso sobre a Educação Inclusiva? Nos dias atuais é necessário a Educação Inclusiva, né, na escola, aliás, em qualquer lugar, não só na escola. A Educação Inclusiva tem que ser tanto no ambiente escolar como fora dele. O que acontece nisso? A gente vai ensinar as outras crianças, que não tem nenhum tipo de especificidade, a respeitar a criança que precisa de cuidados especiais. Isso é necessário para que seja realmente inclusiva; as crianças entendam como trabalhar com a criança que tem a necessidade educacional especial, e para o convívio futuro, para que as pessoas não falam diferença. Então, eu penso que a Educação Inclusiva é muito importante para que se forme um bom cidadão, não só a criança que está sendo inserida, mas as crianças que estão ao torno da criança que é de inclusão, certo? Então, é importante, é necessário para que a gente crie valores, para que as crianças sejam educadas, para que realmente acha um processo de socialização, para que todos e todas as crianças.	28:45-30:07
Ana Paula	Agora ouviremos duas mães de meninos autistas.	30:08-30:12
Mãe 1 (mãe do Heitor, com 12 anos, TEA leve, nível 1 de suporte).	Sou mãe do Heitor, hoje com 12 (doze) anos de idade, está dentro do Transtorno do Espectro Autista, encontra-se no nível 1 (um) de suporte, com poucas comorbidades, não sendo necessário o uso de medicamentos. O diagnóstico veio quando o Heitor tinha 09 (nove) anos de idade. Por ser um autismo leve, nível 1 (um) de suporte, então o diagnóstico foi um pouco tardio, por ele não ter muitos comprometimentos. O diagnóstico foi libertador para que a gente respeite algumas limitações dele, compreenda ainda mais o nosso filho. O Heitor não tem problemas de aprendizagem, não necessita de professor de apoio na escola, caminha com muita independência e autonomia. Sempre trabalhamos muito isso com ele. Mesmo antes de ter um diagnóstico, a gente sempre o encorajou muito, trabalhamos muito essa autonomia dele e hoje ele caminha sozinho. Ele vem superando e nos surpreendendo a cada dia. A minha maior expectativa em relação a escola é que os profissionais da educação se capacitem, busquem conhecimentos para poder lidar não só com o meu filho, mas com todas as crianças com autismo e outras deficiências também. Eu quero que meu filho	30:13-31:40

	seja respeitado e compreendido, que suas necessidades sejam atendidas.	
Mãe 2 (mãe do Miguel, de 08 anos, TEA severo).	Oi, meu nome é Franciele, sou mãe do Miguel, de 08 (oito) anos. O Miguel foi diagnosticado com 02 (dois) anos e meio, mais ou menos, e não foi nada fácil o diagnóstico do Miguel. Eu procurei ajuda porque o Miguel não falava, tinha as estereotípias com a mão, então eu procurei ajuda, onde ele foi diagnosticado, o que não foi nada fácil, né. A gente viveu aquela tristeza e a gente se permitiu viver essa tristeza, esse luto, porque depois veio a força; a força para lutar, a força para sempre saber mais sobre o assunto, que para mim é tudo muito novo. Foi aí que tudo começou. Eu pesquisei, pesquiso bastante, estudo bastante, faço curso, faço palestra, para tentar ajudar cada vez mais o Miguel, né. Hoje o Miguel é diagnosticado como autista severo, porque ele não tem independência; ele depende tudo de mim. O Miguel é uma criança carinhosa, amorosa, mas ele é muito dependente de mim. Então, o Miguel é autista severo. Desde os 05 anos o Miguel toma medicação e é isso. Cada dia mais a gente luta, a gente tenta ajudar, muitas terapias, né? TO (Terapia Ocupacional), psicóloga. E a luta é constante. O aprendizado é dia a dia. Ele me ensina, eu ensino ele, e assim vamos seguindo.	31:41-33:20
Mãe 2	Vou falar um pouquinho da inclusão do Miguel na escola. Ele estuda em uma escola pública, onde ele tem as professoras de apoio e, graças a Deus, a gente tem muita sorte, porque a gente só pegou professoras maravilhosas, profissionais incríveis mesmo: "Ah, não dá desse jeito, vamos fazer o outro. Vamos tentar, vamos observar o que ele tem de melhor, o que ele gosta mais de fazer" e, graças a Deus, está dando certo. Assim, eu, como mãe de um autista severo, o que eu espero da escola é que ele tenha uma interação melhor, um comportamento melhor, de ficar no meio das crianças, de sentar, de comer, ir ao banheiro sozinho. Isso, da atividade de vida diária, para o Miguel é muito bom, ele estando na escola. E assim, se ele vai ser alfabetizado eu não sei, eu não sei realmente. Por ele ser um autista severo, eu não sei. Se ele for, amém. Porque as professoras que estão lá, estão sempre fazendo o melhor para ele, eu tenho certeza. Então, isso depende dele também, né. Porque a gente sabe que, para um autista severo, isso é muito difícil, mas ele gosta de ir para a escola, ele fica feliz de ir para a escola. E é isso. Eu só tenho a agradecer às professoras de apoio.	33:21-34:54

Ana Paula	Agora ouviremos uma formadora da APAE	34:55-34:59
Formadora da APAE	Autismo ou Transtorno do Espectro Autista é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento, onde fatores genéticos e ambientais estão envolvidos. Nós não temos exame para diagnóstico de autismo. Nós temos exames para comorbidades, para o diagnóstico diferencial de comorbidades que possam estar associadas ao autismo. Dentro da neurologia, o Transtorno do Espectro Autista está na classificação de transtorno de encefalopatia crônica e não evolutiva, ou seja, o que quer dizer isso? Quer dizer que a pessoa nasce com o autismo, ela não adquire, não é uma doença. E a prevalência é de 04 (quatro) meninos para 01 (uma) menina.	34:60-35:54
Formadora da APAE	A formação de professores, eu acredito que é de suma importância, no sentido de entender a diversidade, a peculiaridade de cada indivíduo, para que assim a gente realmente consiga criar espaços que contemplem práticas realmente inclusivas.	35:55-36:25
Formadora da APAE	Com relação a minha experiência com a rede regular da cidade de Ourinhos, eu posso dizer que nesses últimos anos nós caminhamos de forma bastante positiva, com resultados bem satisfatórios. Ainda temos muito, muito a caminhar, porque é um processo, e esse processo demanda de todos os lados; demanda do trabalho enquanto equipe APAE, demanda do trabalho enquanto equipe rede comum de ensino e demanda também do trabalho da família. Então, é uma engrenagem que precisa estar funcionando de uma forma muito afinada, mas eu vejo que os casos que nós temos hoje incluídos, e que foram incluídos de uma forma consciente, de uma forma respeitosa, de uma forma a levar em consideração as capacidades, as dificuldades do indivíduo, eles estão caminhando, sim, de forma muito positiva. Lógico que temos casos em que a inclusão se torna um pouco mais difícil, no sentido, muitas vezes, da dificuldade do comportamento daquele indivíduo, da dificuldade específica, seja ela relacionada à linguagem, à comunicação de forma geral, sejam em relação à própria deficiência, mas temos uma relação muito estreita entre município e APAE, e isso faz com que, mesmo de formam muitas vezes, parecendo vagarosa, parecendo complicada, que isso ande, isso vá acontecendo. Então, nós temos uma perspectiva de avanço e isso vêm acontecendo dia a dia.	36:26-38:50
Formadora da APAE	Eu acredito que a Educação Inclusiva é uma resposta inteligente às demandas do nosso mundo. Afinal, a	38:51-40:07

	Educação Inclusiva vem para mostrar que todos os indivíduos, independente de suas dificuldades e de suas potencialidades, eles têm competências que devem ser respeitadas e devidamente aproveitadas, para serem incluídos, para participarem de todo o ambiente existente. Antigamente as pessoas com algum tipo de deficiência ficavam escondidas, ficavam à margem da sociedade, e hoje, lógico que no nosso país nós temos muito a caminhar, mas acredito que nós estamos no caminho e precisamos fazer valer a nossa capacidade de inclusão, de trabalhar com a diversidade, de ter toda e qualquer pessoa incluída em todo e qualquer ambiente.	
Ana Paula	E para finalizar, deixo aqui os meus agradecimentos às professoras depoentes, à formadora da APAE, às mães que participaram, ao Marcos, que fez essa edição e, em especial, à professora Marinez. Obrigada a todos por fazerem parte desse sonho.	40:08- 40:30
	Vinheta instrumental.	40:31- 40:46

Fonte: a autora.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Relações educacionais do *podcast* brasileiro com as hierarquias expressivas online **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 55-67, 2014.

MEDEIROS, Marcello Santos. Podcasting: um antípoda radiofônico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: UnB, 2006. p. 1-11.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. “Para além da emissão sonora: As interações no Podcasting”. **Intexto**, n. 13, p. 64-87, 2008.